

**REFLEXÕES DE
MONTAIGNE
PARA A VIDA
DIÁRIA
LIVRO II**

Luiz Guilherme Marques

2.011

“Não vamos, somos levados como os objetos que flutuam, ora devagar, ora com violência, segundo o vento.”

(Michel de Montaigne)

DEDICATÓRIA

- a Jaqueline Mara de Almeida Marques e Tereza Cristina de Almeida Marques
- a Maria Geny Barbosa
- a Marisa Machado Alves dos Santos
- a Dilma Rouseff
- a Fátima Nancy Andrighi
- a Reynaldo Ximenes Carneiro
- a Mitzi da Silva Marques

ÍNDICE

Introdução

Notas

Conclusão

INTRODUÇÃO

O presente livro representa uma coletânea aleatória de citações extraídas do Livro II dos Ensaaios, de Michel de Montaigne [1], que comentamos, procurando esclarecer aos Leitores atuais a ideologia desse grande filósofo e humanista, calcada, sobretudo, nos pensamentos socrático e cristão, mas sempre atual, apesar de ter vivido há mais de quatro séculos atrás.

Os extratos (aos quais acrescentamos um título para identificação) obedecem à sequência da obra segundo a edição de 1961 da Biblioteca dos Séculos, da Editora Globo, na tradução competente de Sérgio Milliet, ao final dos quais mencionamos as respectivas páginas.

Não entendemos conveniente mudar a sequência, considerando que o filósofo deve ter tido suas razões para adotá-la, tal qual os produtores de cds musicais programam a sequência das músicas numa lógica que, quase sempre, torna mais agradável o conjunto aos ouvidos do público.

Montaigne foi filósofo, jurista, amante da Ciência e da Poesia, e dotado de uma religiosidade prática e sensibilidade estética notáveis. Não teria sido casual a sucessão dos temas...

Nosso trabalho se destina a quem procura bons referenciais para u'a melhor qualidade de vida, sendo esse o objetivo que detectamos na obra montaigniana: ajudar as pessoas a viverem bem.

Não pretende este estudo ser um panegírico do grande humanista, mas sim aproveitar suas reflexões para melhorarmos nossa compreensão sobre a grande finalidade do ser humano, que é aperfeiçoar-se e melhorar o mundo.

O próprio Montaigne reconhece que a fonte da Inspiração Superior o visitava frequentemente, rendendo-se a ela como um homem de fé que era e bem intencionado nas coisas que fazia, dizia e escrevia.

Montaigne entendia a Filosofia como a “ciência de viver bem”.

É nessa linha que seguiremos, procurando indicar aos prezados Leitores algumas trilhas que ele abre para os viandantes da vida.

Nossa época, tumultuada e aparentemente avessa à reflexão filosófica, prioriza os deuses Dinheiro, o Poder e os Objetivos Puramente Materiais.

Todavia, muitas pessoas clamam por socorro às suas angústias e decepções, várias se socorrendo das drogas lícitas ou ilícitas, do lazer atordoante e do consumismo, como formas de suportar o ato de simplesmente continuar vivendo. A essas todas dedicamos esta obra, que pretende ajudá-las.

Também pretendemos corrigir um equívoco propalado por alguns estudiosos, que lhe divulgam o nome do grande filósofo como ligado ao ceticismo árido e descrente das Coisas Divinas,

quando, na verdade, pretendeu sempre colocar a Fé Religiosa em lugar de destaque. Por isso, realçamos, logo no início, sua afeição especial ao ‘Pai Nosso’ e o lugar que essa oração teve na sua vida diária.

Já realizamos um trabalho idêntico com relação ao Livro I e iremos fazer o mesmo com relação ao Livro III dos Ensaios, que podem ser lidos separadamente, como obras independentes.

Agradecemos a Deus a oportunidade de realizar este trabalho e desejamos que sua leitura seja útil às pessoas que necessitam de Esperança e Incentivo.

O Autor

LIVRE-ARBÍTRIO, DETERMINISMO E FÉ EM DEUS

“Não vamos, somos levados como os objetos que flutuam, ora devagar, ora com violência, segundo o vento.”

(p. 96)

A coexistência entre o livre-arbítrio e o determinismo na vida humana é uma realidade verificável facilmente. Não é necessário grande esforço para se constatar essa verdade.

Em princípio, somos livres para qualquer tipo de atitude, mas, uma vez praticado um ato, sai do nosso controle a efetivação dos resultados.

Comparativamente, é como se arremessássemos um *boomerang* dentro da técnica utilizada pelos australianos, sendo que, iniciada sua trajetória, daí a um tempo certo, volta ao ponto de partida, caindo aos pés do arremessador.

Dizia Jesus Cristo: “A sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória.”

Montaigne chama a atenção para a fragilidade humana, ressaltando o quanto de acontecimentos foge do controle humano.

Realmente, por mais que as pessoas se previnam, ocorrem eventos que não se consegue sequer imaginar.

Necessário pensar sobre a humildade, pois ninguém é poderoso o suficiente para evitar o “balanço do barco da Vida” e nem que esse “barco venha a afundar”.

Todavia a crença de que “nenhum fio de cabelo da nossa cabeça cai sem que Deus assim determine” nos dá a fé necessária para não temermos resultados piores do que aqueles permitidos pela Divindade.

Sabendo que tudo acontece pela Vontade Benévola de Deus, até os fracassos e sofrimentos deixam de nos assustar, pois os resultados, se analisados com bom-senso e serenidade, sempre são bons para nós.

A IRRESOLUÇÃO

“... a irresolução me parece ser o vício mais comum e evidente de nossa natureza...” (p. 97)

A irresolução é resultado da insegurança, fruto do desconhecimento e da incompetência.

Quem sabe o que deve fazer e tem competência para tanto, ou seja, tem o conhecimento teórico e prático do assunto e as condições lhe são favoráveis, na certa que não ficará inerte.

O grande problema humano é a falta de “informações” suficientes.

A maior parte das nossas falhas se deve ao “desconhecimento”, considerado na profundidade maior que essa expressão comporta, ou seja, a falta de noção tanto intelectual quanto moral. A imaturidade intelecto-moral da maior parte das pessoas as leva a uma vida cheia de tentativas infantis.

As pessoas mais evoluídas no sentido intelecto-moral tendem a errar menos, mas isso representa uma conquista individual.

Os luminares da humanidade, justamente pelo seu maior amadurecimento intelecto-moral, não são irresolutos, mas decididos, e decidem quase sempre pelo Melhor, em benefício da coletividade.

As atitudes tomadas sem “conhecimento” suficiente produzem grande risco de resultados danosos. Por isso a maioria das pessoas erra tanto, mesmo quando as iniciativas estão plenas de boa-fé.

As pessoas devem instruir-se sobre a maior quantidade possível dos assuntos que lhes dizem respeito. E, quando desconhecem esses assuntos, devem procurar os especialistas.

Por confiarem demais na auto-suficiência (um tanto arrogante) é que muitos se arriscam a toda hora e sua vida é um oceano de confusões e insucessos.

A CONSTÂNCIA

“Acredito que a constância seja a qualidade mais difícil de se encontrar no homem, e a mais fácil a inconstância.” (p. 97)

Constância é sinônimo de persistência.

Muita gente fracassa porque desanima logo que percebe que terá de investir muito trabalho para obter sucesso.

Qualquer tipo de atividade importante exige esforço continuado, normalmente de muitos anos e, até, de uma vida inteira.

A atividade esportiva exige força de vontade e esforço continuado, o mesmo se dizendo do estudo e do trabalho.

Uma qualidade importante que os pais devem desenvolver nos filhos é a compreensão de que toda conquista relevante na vida exige persistência. As pessoas devem ser treinadas, desde cedo, a exercerem atividades que exijam esse tipo de esforço. Quanto mais cedo aprenderem isso, melhor para elas, para sua vida.

A maioria das pessoas começa a praticar esportes na infância, mas desanima na idade adulta, o depõe contra elas, mostrando que são pessoas mais fracas de vontade do que imaginam.

TEMOS TODOS OS DEFEITOS E VIRTUDES

“Envergonhado, insolente, casto, libidinoso, tagarela, taciturno, trabalhador, requintado, engenhoso, tolo, aborrecido, complacente, mentiroso, sincero, sábio, ignorante, liberal e avarento, e pródigo, assim me vejo de acordo com cada mudança que se opera em mim. E quem quer que se estude atentamente reconhecerá igualmente em si, e até em seu julgamento, essa volubilidade, essa mesma discordância.” (p. 98)

Somente os hipócritas se dizem perfeitos, imunes aos defeitos morais.

Somente os arrogantes pensam deter o direito de analisar os outros, principalmente para execrá-los.

Jesus Cristo, o único ser humano impoluto, disse: “Eu a ninguém julgo.”

Montaigne tinha lucidez e humildade suficientes – decorrentes da autoanálise, do autoconhecimento – para reconhecer em si próprio todas as virtudes e todos os defeitos convivendo e se destacando em determinadas situações da vida.

A diferença entre ele e muitos seus contemporâneos e nossos também é que ele tentava sublimar seus defeitos, coisa que as pessoas bem intencionadas procuram fazer.

Essa a lição da sabedoria, ou seja, reconhecer tranquilamente todas essas tendências e procurar transformar as

ruins em boas, todavia, sem autoflagelação e sim, como o auto-perdão, o auto-amor, como quem trata de uma ferida, utilizando algodão e não urtiga e antisséptico e não soda cáustica.

“Vai e não peques mais”, disse Jesus Cristo.

Essa vida nova é uma conquista gradativa, progressiva, bem intencionada, caminhando para a Felicidade cada vez mais segura e efetiva.

MERECIMENTO QUESTIONÁVEL

“Somos um amontoado de peças juntadas inarmonicamente e queremos que nos honrem quando não o merecemos.” (p. 99)

A vaidade cobra elogios e glórias por qualquer feito medíocre.

Os vaidosos querem viver em constante evidência, mesmo quando nada têm de merecimento.

A Mídia tem dado destaque a figuras inexpressivas, cujo único diferencial é vontade permanente de serem vistos e fotografados.

No fundo, somos, como diz Montaigne, verdadeiros “amontoados de peças juntadas inarmonicamente”, ou sejam, bonecos desengonçados que se julgam importantes “obras de arte”.

A humildade é uma virtude que somente os que realizaram o autoconhecimento alcançaram realmente. Não fazem questão de serem incensados e estão ocupados em realizar em favor da coletividade. Seu tempo é todo dedicado a isso.

JULGAR É ATITUDE DE GRANDE RESPONSABILIDADE MORAL

“... não deve um espírito refletido julgar-nos pelos nossos atos exteriores; cumpre-lhe sondar as nossas consciências e ver os móveis a que obedecemos. É uma tarefa elevada e difícil e desejaria por isso mesmo que menor número de pessoas se dedicassem a ela.” (p. 100)

Sobretudo os julgamentos criminais deveriam aprofundar a questão da motivação. Infelizmente, o elevado número de processos e a própria precipitação de alguns julgadores faz com que a motivação seja tratada como elemento secundário.

Poucas pessoas têm vocação para julgar.

Infelizmente, os concursos têm aprovado em massa várias pessoas não vocacionadas, desacreditando a Justiça frente à população.

Pietro Ubaldi dizia que: “À medida que o homem evolui moralmente adquire o direito de julgar”.

A própria Justiça deveria levar em conta esse paradigma, selecionando pessoas vocacionadas, ou seja, escolhidas menos pelo nível intelectual do que pelo ideal de servir, este que é o qualificativo moral mais importante.

Infelizmente, há no Serviço Público um número muito expressivo de grandes inteligências avessas à espontaneidade em servir, gerando insatisfação relevante dos cidadãos, que são mal

atendidos ou julgados, por exemplo, na área criminal com severidade excessiva e sem maior consideração quanto à humanização que os tempos atuais exigem.

Montaigne exonerou-se do cargo de juiz justamente por se sentir impotente para humanizar a Justiça de então.

BOM EXEMPLO

“...meu pai (dedicava-se à) corrida e (ao) salto. Vi-o aos sessenta anos, desafiando nossa agilidade.” (p. 104)

Considerando que a expectativa de vida no século XVI era muito menor que a de hoje, um sexagenário daquele tempo seria equivalente a um homem de mais de 80 anos de hoje.

Montaigne teve a felicidade de conviver com o exemplo paterno de vitalidade e amor aos esportes.

Isso marcou significativamente sua vida e transmitiu-lhe um perfil dinâmico e otimista: “mente sã e corpo são”, que ressuma nos seus textos.

Afirmam os psicólogos que tendemos a imitar o exemplo dos nossos pais. Isso é uma realidade.

Por isso, quando algum ítem é negativo na vida dos nossos antepassados, devemos contrariá-lo e criar um novo paradigma, vivenciando-o e transmitindo-o aos nossos pósteros. Somente o que é bom deve ser seguido e reproduzido para o futuro.

O RESPEITO A DEUS

“O meu mestre é a autoridade da vontade divina, a qual sem contestação possível nos rege, pairando acima das vãs indagações humanas.” (p. 108)

Tudo é possível à inteligência humana, pois Deus quer que sejamos perfeitos dentro da nossa relatividade. Impedir as pesquisas, sob alegação de que “ofendem” a Deus, reproduz o pensamento obscurantista da Idade Média.

Jesus Cristo disse: “Sede perfeitos, como vosso Pai, que está nos Céus, é Perfeito.”

Procurar tudo conhecer é a meta da inteligência, mas, por outro lado, negar que Deus nos criou e que Suas Leis nos regem é mostrar-se arrogante, pois somos verdadeiros insetos perto da grandeza da Criação.

Montaigne, defensor da pesquisa e do aprofundamento do Conhecimento, propugnava, igualmente, pela submissão humana à Autoridade Divina.

Essa a ideal compreensão do filósofo, do artista, do cientista e do religioso. Sem essa atitude de humildade sincera, as fontes da Inspiração Superior não inundam a mente dos pobres homens e mulheres arrogantes, que enxergam apenas o próprio umbigo, Narcisos que se miram no espelho da vaidade e se perdem na loucura da auto-adoração.

O DEVER DE SERVIR

“Não nascemos apenas para nós, mas também para a nossa terra.” (p. 110)

A formação que a maioria dos pais e mães, infelizmente, dá para seus filhos é essencialmente egoísta, priorizando os interesses exclusivistas da família, normalmente sem inculcá-lhes a idéia de cidadania, esta última que engloba vários deveres frente à comunidade.

O que Montaigne pretende mostrar é que temos deveres junto à comunidade onde vivemos.

Não é suficiente exercermos uma profissão para se considerar perfeito e acabado nosso papel social. Exige a cidadania muito mais que isso, através de outras participações na melhoria da qualidade de vida dos nossos concidadãos, hoje em dia muito comum através de atividades voluntárias.

O grande vilão da vida das pessoas em geral, ou seja, o causador da maior parte dos problemas é o modo de viver egoísta, que afasta as pessoas umas das outras, enquanto que a Fraternidade é a única solução para a problemas.

Os cristãos utilizam a expressão Amor, como sinônimo de Fraternidade, ou seja, a abertura mental para os demais homens e mulheres, uma vez que somos todos irmãos e iguais, além de que precisamos uns dos outros, umbilicalmente.

Quem concentra sua atenção apenas nos próprios interesses é candidato aos piores problemas, inclusive os de natureza psicológica e psiquiátrica.

O MEDO DA MORTE

“... a fonte dos males é o medo da morte...” (p. 110)

A certeza maior que todos temos na vida é de que algum dia chegará a morte.

Nem por isso se deve deixar de viver todas as fases da existência em plenitude.

A maioria das religiões infelizmente é culpada pela fixação na mente popular do terror da morte, sendo que esse “fantasma” vem assombrando a vida de muita gente.

Morrer é passar do mundo material para o mundo espiritual: assim pregam quase todas as religiões. Todavia, a incerteza paira na mente de muitos adeptos, inseguros quanto à continuidade da vida após o decesso físico. Outros acreditam que talvez venham a sentir dores no instante do desenlace. Outros se apegam aos bens materiais e temem deixá-los. Outros ainda não se conformam em afastar-se dos entes queridos.

Todas essas incertezas são causadas por um único motivo: falta de fé na Bondade Divina, que nunca reservaria às criaturas alguma coisa que não fosse benéfica.

Se alguém não consegue entender a finalidade útil da morte, deve procurar na literatura da corrente religiosa que adota os autores mais credenciados, que, na certa, achará as explicações necessárias.

Todavia, não se pode conceber um crente comodista com respostas prontas e sem esforço pessoal.

Afinal, a fé é uma conquista de quem faz por merecê-la.

Quando Jesus Cristo afirmou: “Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará” presume-se que quis dar a entender que tem de ser procurada ardentemente e só a encontra quem se empenha na sua busca.

O SUICÍDIO

“Nenhum dos males da vida justifica que nos suicidemos para o evitar. Ademais, as coisas humanas estão sujeitas a tais reviravoltas, que se faz difícil julgar em que momento nos cumpre renunciar a qualquer esperança.... (p. 112)

Provocar a própria morte para evitar os sofrimentos representa, no mínimo, uma rebeldia muito grande.

Não há uma pessoa sequer imune ao sofrimento, o qual varia apenas de natureza: uns são pobres, outros doentes, outros carregam problemas familiares e assim por diante.

Os sofrimentos se traduzem pelas situações de desconforto físico ou moral, de intensidade variável, que uns suportam com mais e outros com menos tranquilidade.

Há quem seja melindroso demais e há outros cuja vontade se sobrepõe a sofrimentos atrozes.

O ideal é cada um se fortalecer para enfrentar o maior número possível de situações dramáticas sem desesperar, mas sim procurando a solução possível.

“O quem não tem remédio remediado está”, diziam os antigos.

Há um lema que diz que: “Devemos mudar o que está ao nosso alcance, ter paciência para as situações que não temos condições de mudar e sabedoria para distinguir as duas hipóteses.”

A vida é um dom divino e sempre vale a pena quando plena de idealismo.

AUTOCONHECIMENTO

“De que fala Sócrates mais abundantemente que de si próprio? Para que encaminha suas conversações com seus discípulos, senão para as suas pessoas? E nunca para uma lição dos livros, mas para os movimentos da alma e do ser.” (p. 130)

Sócrates pretendia ensinar o autoconhecimento, tema novo até então e sem nenhum precedente na Filosofia da época. Por isso, não citava nenhum autor ou livro.

Aliás, os grandes inovadores normalmente não citam ninguém, assim acontecendo, por exemplo, com o próprio Sócrates, Jesus Cristo e Mohandas Gandhi.

Montaigne se preocupava mais com o autoconhecimento do que com qualquer outro tema: por isso se analisava constantemente.

VIVER BEM

“Meu ofício, minha arte, é viver.” (p. 130)

A meta deve ser viver, repletar-se de vida, da satisfação de participar de tudo que vale a pena, aprender com o dia-a-dia, deixar a felicidade entrar pelos olhos, pelos ouvidos e pelos poros, conviver, recordar, planejar o futuro, tudo que signifique estar bem consigo próprio e com tudo que nos cerca.

Montaigne transmite a lição do otimismo.

AINDA O AUTOCONHECIMENTO

“Somente Sócrates pôs em prática o preceito que recebera de Apolo: conhece-te a ti mesmo.” (pp. 131/132)

Montaigne, como discípulo de Sócrates, volta muitas vezes ao ponto central do pensamento do seu mestre: o autoconhecimento.

Os filósofos que não abordam esse ponto tratam de coisas secundárias e contribuem muito pouco para a melhoria dos seres humanos.

O objeto principal da Filosofia deve ser esse, visando a se aprender a viver bem.

PARA MERECERMOS RESPEITO E SERMOS AMADOS

“É pela virtude e a capacidade que impomos o respeito, pela bondade e a cordura dos costumes que somos amados.” (p. 138)

Trata-se de duas situações totalmente diferentes: impor respeito e ser amado. No primeiro caso, queremos a submissão alheia e que os outros nos considerem superiores e cumpram nossas ordens. No segundo, pretendemos receber o afeto alheio, pelo menos em princípio, considerando-nos seus iguais.

Querer ser respeitado pressupõe uma certa arrogância, que depõe contra nós, uma vez que a igualdade é a realidade entre as pessoas, sabendo-se que as diferenças de nível intelecto-moral não nos autorizam a nos autorizam a querer viver num pedestal, enquanto que as diferenças sócio-econômicas e outras justificam menos ainda.

A única opção compensadora é a de procurarmos ser amados, e isso conseguimos se também amarmos as pessoas e na exata medida em que assim o fizermos.

Se interpretarmos a frase de Montaigne no sentido literal pensaremos apenas em nós próprios, ou seja, “recebermos” respeito e amor.

Todavia, no caso do respeito, bem como no amor, tratam-se de “vias de mão dupla”: para recebermos, devemos respeitar e amar as pessoas.

Nossas virtudes e nossa competência serão valorizadas se realmente forem reais: não adianta forjarmos virtudes e competência que não temos.

Conquistaremos as pessoas pelo afeto que lhes dedicarmos, ou seja, pela bondade e cordura dos costumes.

Muita gente fracassa na convivência social ou doméstica, porque quer ser respeitada sem respeitar e ser amada sem amar, ou quer receber o respeito como subserviência e o amor como posse doentia, obrigando os outros a viver literalmente ajoelhados em sua presença ou cerceando-lhes a liberdade.

Há quem considere, no fundo, as pessoas como mero pedestal para sua vaidade, joguete para seus desejos e ente servil a quem se impõe todos os tipos de exigências.

Gibran Khalil Gibran ensinava que todo relacionamento interpessoal tem de ser pautado pelo amor não possessivo e pela consideração à liberdade dos outros. Se não obedece a esse padrão, está fadado ao fracasso por ser um relacionamento doentio, devendo-se procurar a ajuda de psicoterapeutas ou psiquiatras competentes.

COMO INSTRUIR AS ALMAS JOVENS

“Sou inteiramente contrário a qualquer violência na educação de uma alma jovem que se deseje instruir no culto da honra e da liberdade. O rigor e a opressão têm algo de servil e acho que o que não se pode obter pela razão, a prudência, ou a habilidade não se obtém jamais pela força.” (p. 138)

A educação engloba dois aspectos: a inteligência e a moral.

Há pais e educadores que acreditam na violência como meio pedagógico: muitos profissionais da Justiça, por exemplo, assim pensam, infelizmente.

Instruir alguém no culto da honra é fazê-lo entender as vantagens de uma vida correta, não no sentido da retidão de fachada, reflexo mais do orgulho que de qualquer outra coisa, mas sim a dignidade de ser um cidadão colaborador efetivo do meio onde vive.

Instruir no culto da liberdade é mostrar-lhe o valor da sua própria independência mental e da liberdade alheia.

Rigor e opressão são duas ferramentas das ditaduras públicas e privadas, propiciadoras de péssimos resultados.

Montaigne aconselha, em lugar da força, o uso da razão, da prudência e da habilidade, ou sejam, levar as almas jovens à procura do autoconhecimento.

Vemos na atualidade muitos adolescentes e jovens dominados pelas drogas. Ao invés das punições, que não os curam da “doença psíquica”, o autoconhecimento representa o caminho mais importante (ao lado do médico etc.), pois descobrirão os pontos fracos da sua personalidade, que produzem a insegurança ou o conflito interior, e passarão a analisar as causas da insegurança e do conflito, superando-os gradativamente.

O grande mal da civilização ocidental é as pessoas não serem treinadas a olhar para dentro de si e viverem simplesmente em função das exterioridades, a maioria sequer tendo ouvido falar do autoconhecimento.

IDADE IDEAL PARA CASAR

“... não deveríamos casar muito jovens, a fim de que nossa idade não se confunda quase com a deles (nossos filhos), do que podem decorrer graves inconvenientes.” (p. 139)

A maioria das pessoas que casam o fazem quando ainda não adquiriram suficiente maturidade psicológica. Assim, costumam escolher pessoas com quem não se afinam de verdade, trazem problemas psicológicos ou psiquiátricos para o relacionamento, etc. e, por isso, ocorrem muitos casos de separação/divórcio.

Quem casa muito jovem ainda pode ter o inconveniente de ter filhos cuja idade lhes seja próxima, ficando a situação como a de “um cego querendo conduzir outro”...

Casar representa uma iniciativa muito grave, que deve ser pensada e amadurecida, não se devendo levar em conta apenas a afeição entre os interessados e sua situação financeira, mas o grau de maturidade que alcançaram.

Quase todo mundo ingressa no mundo dos casados como tábua de salvação contra a solidão, sem saber que, havendo despreparo, o desastre é quase garantido.

CADA COISA TEM SUA HORA CERTA

“Cada coisa tem sua hora certa....” (p. 139)

“Há o momento de plantar e há o momento de colher.”, diz um ditado antigo.

O que não é realizado na época certa pode, muitas vezes, ser suprido depois, mas de forma imperfeita.

É preciso nos informarmos antecipadamente sobre tudo o que nos diz respeito.

Quem improvisa e não planeja está sempre correndo o risco de errar e ficar em dificuldade.

As pessoas arrogantes se julgam auto-suficientes e costumam nada perguntar aos especialistas, enquanto que quem tem humildade e bom-senso procura se esclarecer e tem mais chances de viver bem.

Quanto à hora certa de começar a melhorar sua própria qualidade de vida toda hora é boa. Nunca é tarde para se recuperar o tempo perdido no crescimento pessoal.

AMOR EM LUGAR DE TEMOR

“... ainda que me fosse possível tornar-me temido preferiria ser amado.” (p. 142)

Quem gosta de ser temido tem algum problema psicológico ou psiquiátrico, que deve ser tratado com urgência.

O único sentimento que nos plenifica é o amor, assim mesmo quando também o damos ao invés de simplesmente recebê-lo.

O temor é negativo tanto para quem é sua vítima quanto para quem o provoca. Gera ódio, represálias, vingança e prepara o temeroso para derrubar o ditador.

Quanto mais se impõe temor a alguém, mais se prepara e incita esse alguém à rebelião. Nenhum ser humano foi talhado para ser escravizado ou viver sob imposições cruéis.

A pretensa inteligência dos ditadores públicos e privados é simplesmente uma farsa, pois eles não percebem que sua queda se acelera na razão direta do rigor que utilizam.

TRANSPARÊNCIA

“Abro-me aos meus o quanto posso e lhes mostro de bom grado a disposição de espírito em que me acho; assim faço aliás com todos. Apresso-me em me apresentar como sou, porque não quero que se enganem.” (p. 145)

A máscara da hipocrisia costuma deformar o rosto de muita gente, que se apresenta em público com sorrisos perpétuos e cortesia programada, mas traz no íntimo uma carantonha assustadora de seres egocêntricos ou perversos.

A simplicidade e a transparência são saudáveis, principalmente para quem vive desse jeito.

Se, muitas vezes, a simplicidade e a transparência gera críticas dos arrogantes e dos fingidos, não impede os simples e transparentes de serem felizes.

Cada um escolhe seu estilo de vida: uns preferem a aparência de felicidade e outros optam pela verdadeira felicidade.

A QUESTÃO DO BELO

“... para mim, grande apreciador da beleza...” (p. 146)

Cada pessoa tem seu ponto de vista sobre o Belo, no entanto, as opiniões não se sobrepõem à realidade.

A questão do bom gosto antecede a anterior, pois há pessoas que têm bom gosto e outras que têm mau gosto.

Por aí se entende o Belo, ou seja, representa aquilo que agrada a sensibilidade refinada das pessoas de bom gosto.

Atualmente vêm-se verdadeiras aberrações tratadas como Arte, apreciadas por pessoas de mau gosto, principalmente na Música.

O Belo verdadeiro tem características diferenciadas, muito acima da capacidade dos artistas que não atingiram a genialidade.

A Igreja de São Francisco de Assis, de São João Del Rey, Minas Gerais, é um exemplo do Belo, da lavra do incomparável gênio do Aleijadinho.

Afirma-se que: “Quando uma obra é mais famosa que seu autor, não se trata de um gênio, mas quando o autor suplanta suas obras, estamos em presença da genialidade.”

Mas há público para todas as manifestações artísticas e artistas para todo tipo de público.

A Arte, todavia, deve visar proporcionar a Paz, o Bem, o Amor, aperfeiçoando o ser humano e nunca induzindo-o ao rebaixamento intelecto-moral.

Cada artista é responsável pelas imagens que cria na mente das pessoas. Trata-se de uma responsabilidade grave, que, infelizmente, nem todos levam em conta.

Atualmente, muitos atuam de forma irresponsável nas criações artísticas, induzindo à pornografia, à drogadição, à perversidade e à descrença no Bem e nos valores positivos.

RECONHECER AS PRÓPRIAS LIMITAÇÕES

“Saber reconhecer nossa ignorância é mesmo uma das mais belas e seguras garantias de que não carecemos da faculdade de julgar.” (p. 154)

Quem é dotado de bom senso e humildade sabe até onde pode fazer afirmações, parando antes de invadir uma seara que não conhece.

Somente os arrogantes se sentem à vontade em qualquer assunto, emitindo opiniões a torto e a direito.

Algumas vezes o bom senso supre a falta de conhecimento mais aprofundado, mas, regra geral, somente a pesquisa e a vivência têm as respostas certas.

Muita gente tem preguiça de estudar, normalmente pelo mau exemplo dos pais, que ensinam que só compensa estudar o que é traduzível em dinheiro. Para esses vale o “puxão de orelha” de Vinicius de Moraes, quando afirmava que se deve “ganhar dinheiro com poesia”...

SOBRE O AUTOCONHECIMENTO

“... conhecimento de mim mesmo e me auxilie a viver e morrer bem. (p. 154)

Que o autoconhecimento ajuda a se viver bem é fácil de entender e já falamos nesse assunto. Mas, como pode proporcionar o “morrer bem”?

A morte é temida por dois motivos: o medo do desconhecido e a consciência culpada. No primeiro caso, o autoconhecimento nos faz concluir que somos espíritos imortais e que continuaremos a viver depois da morte do corpo. No segundo caso, aprendemos a exercer o autoperdão e estaremos investindo na nossa mudança de rumo.

É preciso desmitificarmos a morte e encará-la como evento natural na vida de todos os seres vivos, que se transformam mas não deixam de existir.

LIVROS FÁCEIS DE LER

“Os opúsculos de Plutarco e as epístolas de Sêneca constituem a parte mais formosa de seus escritos, e também a mais proveitosa. Para empreender tais leituras não se faz mister um grande esforço, e posso sustá-las quando quero, pois nenhuma ligação existe entre os capítulos dessas obras.” (p. 157)

Há grandes autores que escrevem com simplicidade e grandes autores que adotam um estilo quase inacessível.

Montaigne preferia o estilo simples, que facilita a leitura e a torna mais agradável e menos cansativa.

Textos curtos ajudam as pessoas pouco afeitas ao hábito da leitura: trata-se de uma boa técnica para atingir esse tipo de público.

UM PSICÓLOGO DO SÉCULO XVI

“... é grande em mim a curiosidade pela alma e o espírito dos autores que leio.” (p. 159)

Montaigne se preocupava muito mais em conhecer a essência do espírito humano do que ter acesso a fatos históricos e científicos pura e simplesmente.

Como discípulo de Sócrates, procurava o autoconhecimento mesmo quando observava as outras pessoas.

O autoconhecimento é o investimento intelecto-moral mais relevante na vida do ser humano.

Simplesmente ser erudito não leva à Felicidade.

O ESTUDO DA ALMA HUMANA

“Os historiadores constituem meu passatempo predileto. Sua leitura é-me fácil e agradável. Em seus livros encontro o homem que procuro penetrar e conhecer, apresentado com maior nitidez e mais completamente que alhures. [...] Entre os historiadores, os que se atêm menos às ocorrências do que às causas, e ponderam mais os móveis a que obedecem os homens do que o que lhes acontece, são os que me agradam particularmente.” (p. 160)

A intenção de Montaigne era sempre conhecer a natureza humana, em outras palavras, fez-se um dos esteios da futura Psicologia, que nasceria alguns séculos após.

Não há estudo mais importante que o da intimidade psicológica, pois apresentam soluções para os grandes enigmas da vida. Os demais estudos ilustram a inteligência, melhoram muitos aspectos exteriores, mas não atingem a profundidade da alma.

INTERESSE PELA PEDAGOGIA

“...me interessa tanto pela vida dos grandes educadores quanto por seus dogmas e ideias.” (p. 160)

A Pedagogia deve interessar não somente aos professores, mas também aos pais, para melhor educarem seus filhos.

Os pais devem avaliar a “hereditariedade intelecto-moral” que receberam dos seus antepassados e reformarem-se antes de assumirem a paternidade e a maternidade, para somente transmitirem aos filhos uma herança construtiva, porque os filhos, na verdade, tenderão a copiar o que há de bom e de ruim nos exemplos que presenciarem.

Os filhos imitam o que percebem nos seus pais, normalmente sem refletir sobre a qualidade boa ou má do que vêem, ouvem e sentem.

Os pais e mães devem procurar aprofundar o quanto puderem a Pedagogia e procurarem ajuda de especialistas na área.

O que não se deve fazer é simplesmente repetir os padrões herdados dos antepassados.

PROVAÇÕES DIFÍCEIS

“É porque a virtude se fortalece na luta que Epaminondas, adepto, entretanto, de uma terceira seita, recusa as riquezas que muito legitimamente lhe oferecem os fados, pois quer, diz, lutar contra a pobreza, e a sua era grande e nunca o abandonou. Sócrates, parece-me, submetia-se a prova mais rude ainda, conservando sua mulher que era má, e se engendrava em o atormentar, verdadeira e permanente armadilha em seu caminho.” (p. 164)

Montaigne considera a pobreza uma provação difícil, mas o casamento infeliz pior ainda. Cita o caso de Sócrates, que, por motivos que a História não registrou, casou-se com u'a mulher que Montaigne classifica como “má”, afirmando ainda que *“se engendrava em o atormentar, verdadeira e permanente armadilha em seu caminho”*.

O que teria levado um homem com as qualidades morais de Sócrates a escolher uma pessoa tão diferente dele, no caso, Xantipa, cujo nome celebrizou-se como modelo da esposa irascível e avessa à Filosofia?

O casal permaneceu aparentemente junto até o final, mesmo sem o elo afetivo que se deseja na união entre cônjuges.

Enquanto isso, um outro casal contemporâneo passou para a História como uma dupla perfeita, pelo amor recíproco e

afinidade de ideais: Péricles e Aspásia, que viveu um grande amor e dedicou-se ao comando político de Atenas.

Atualmente, a instituição casamento está sendo repensada, deixando de ser uma entidade calcada no “patrimônio” para constituir-se em sociedade sustentada pelo “afeto verdadeiro”.

Por isso têm ocorrido muitos divórcios, uma vez que grande parte das pessoas acaba descobrindo que sua união foi equivocada e não embasou-se na afetividade verdadeira.

A fase atual representa uma transformação importante, podendo-se prever que, daqui a algum tempo, o patrimônio deixe de ter qualquer valor na escolha do parceiro ou parceira e as pessoas levem em conta apenas o requisito do amor.

Infelizmente, mas a sociedade ainda mantém muito do ranço antigo das escolhas feitas exclusivamente pelo lado financeiro, sendo que até hoje existem casos em que o lado financeiro é o único levado em conta.

Sócrates, preocupado em exemplificar todas as virtudes, suportou a esposa má até o final. Todavia, a maioria das pessoas atualmente não se propõe a suportar um casamento onde não há afinidade suficiente de ideais.

A mudança de paradigma, no caso, representa um progresso, preparando uma Era Nova, onde somente o Amor seja levado em conta na escolha do cônjuge.

AS VIRTUDES VERDADEIRAS

“... é fácil fazer mal; isso não exige muita coragem. Fazer bem sem correr riscos é coisa vulgar. Mas fazer bem, quando há perigo em o fazer, é próprio do homem virtuoso’. [...] A virtude exige luta para se realizar, ou contra os obstáculos exteriores como no caso de Metelo, cujas penas o destino se comprouve em abolir, ou contra as dificuldades íntimas provocadas em nós por nossos deordenados apetites e as imperfeições da nossa natureza.” (p. 165)

Há quem entenda que tem coragem quem se propõe a fazer o mal, o que Montaigne contradiz. Fazer o bem com risco para si é que demonstra a densidade da virtude de alguém, o que pressupõe coragem.

Para ser realmente bom tem-se que ter muita coragem, pois ainda há muita gente ridiculariza as virtudes.

Fazer o bem exige, realmente, muita coragem. Viver de acordo com o bem, exige-a mais ainda, pois as pessoas virtuosas são tratadas como ingênuas e simplórias e recebem, normalmente, o desprezo da maioria.

Todavia, vale a pena agradar a própria consciência, mesmo quando se tenha que desagradar toda uma coletividade.

AVERSÃO À CRUELDADE

“Entre os vícios, há um que detesto particularmente: a crueldade. (p. 170)

A crueldade representa a suprema desconsideração pelos demais seres vivos.

O contrário dela é a compaixão, ou seja, a capacidade de condoer-se face às dificuldades alheias.

Devemos despertar nos nossos filhos e nas pessoas em geral a ideia da compaixão como forma de melhorar o mundo.

A insensibilidade frente à miséria, à drogadição, à criminalidade e outras infelicidades representa uma forma de crueldade, mesmo que praticada por omissão.

Cruel não é apenas quem inflige o mal aos outros, mas também quem se omite em solucionar os males existentes.

COMPAIXÃO

“Entristecem-me grandemente as misérias alheias.” (p. 171)

Montaigne se refere não apenas à pobreza, mas aos sofrimentos morais, igualmente dolorosos.

O alcoolismo, a drogadição, a tendência para a criminalidade, por exemplo, representam misérias morais dolorosíssimas, vitimando milhões de pessoas e atingindo seus familiares, que sofrem com o desequilíbrio dos entes amados.

É necessário procurar a ajuda de profissionais e entidades especializadas como os Alcoólicos Anônimos, Narcóticos Anônimos etc.

Felizmente, há muitos casos de cura, dependendo da real vontade dos doentes em investir no tratamento.

AMOR AOS ANIMAIS

“Considerando que o Criador nos pôs na terra para servi-Lo e que eles são como nós da mesma família, anda bem a teologia em recomendar algum respeito e afeição pelos animais.” (p. 217)

Montaigne considerava, com razão, nosso parentesco com os animais, assim mesmo pensando os indianos em geral, que respeitam aqueles seres e não os maltratam, como nós ocidentais, costumamos fazer sem nenhum peso na consciência.

São Francisco de Assis adotava essa ideologia, incluindo até os seres inanimados, através do seu Amor sublimado, que abarcava toda a Criação.

Alguém entenderá essa ideia como pieguismo tolo, mas, se analisar bem, verá que somos muito parecidos, pelos instintos, com os animais, diferenciando-nos apenas por um tanto de inteligência, que não chega a ser tanta, e por uma moralidade, que também não é tão avançada assim...

A tendência a valorizar a Ecologia, felizmente, vem tomando corpo principalmente por força do trabalho idealista de entidades como o Green Peace e líderes respeitáveis como Mikhail Gorbachev.

A REENCARNAÇÃO

“Pitágoras foi buscar nos egípcios o dogma da metempsicose. Posteriormente essa ideia foi aceita por outros povos, entre os quais os nossos druidas: “as almas não morrem; após abandonarem suas primeiras residências passam a outras, e assim é eternamente.” A religião dos antigos gauleses admitia que a alma é imortal e deduzia que mudava sempre de lugar transportando-se de um corpo para outro.”.” (p. 173)

Observe-se que Montaigne, com a sutileza e o bom senso que o caracterizavam, e sem afrontar diretamente o poderio e as iras do Tribunal do Santo Ofício, que mandava para a fogueira quem ousasse divergir do catecismo católico apostólico romano, inseriu nos seus Ensaaios a ideia da reencarnação, conhecida na época como metempsicose.

Trata-se de uma ideia que, posteriormente, foi sendo mais esudada e melhor conhecida, chegando ao ponto de, nos séculos XIX e XX, vários cientistas respeitáveis, principalmente europeus e americanos, dessem como certa essa realidade, afirmando que a vida segue sempre adiante, seja habitando um corpo seja sem ele em sucessivas incursões no mundo material. Os interessados encontrarão uma vasta literatura científica a respeito.

Atualmente, desconsiderar essa assertiva é demonstrar espírito anti-científico.

A ECOLOGIA

“... cumpre-nos ter certo respeito não somente pelos animais, mas também por tudo o que encerra vida e sentimento, inclusive árvores e plantas. Aos homens devemos justiça; às demais criaturas capazes de lhes sentir os efeitos, solicitude e benevolência. Entre elas e nós existem relações que nos obrigam reciprocamente. Não me envergonho de confessar que sou tão inclinado à ternura e tão infantil a esse respeito que não sei recusar a meu cão as festas intempestivas que me faz, nem as que me pede.”
(p. 174)

Para os indianos em geral essas assertivas não causam nenhuma surpresa. Para os ocidentais, todavia, tratam-se de ideias novas, recém-divulgadas pela Ecologia, que ainda encontra muita resistência sobretudo no seio da classe empresarial, preocupada demais com os lucros.

A interdependência entre todos os seres animados e inanimados é real e insuperável.

Se prejudicamos o equilíbrio da Natureza, pagamos caro, conforme confirmam os desastres que têm ocorrido recentemente.

ENTUSIASMO COM A CIÊNCIA

“Minha casa esteve sempre aberta aos homens de ciência, e eles a conhecem bem.” (p. 220)

A Ciência em geral deve nos interessar independente da profissão que venhamos a escolher.

Afinal, a cultura científica contribui para melhorar nossa qualidade de vida.

Com os recursos atuais da Comunicação, não há como alguém manter-se alheio às descobertas científicas, que se sucedem em ritmo nunca visto.

AMOR A DEUS

“É preciso não trapacear com Deus. Se acreditássemos n’Ele – não chego a dizer se tivéssemos fé – se tão somente acreditássemos n’Ele, e com vergonha o diggo, se O tivéssemos em nós como um amigo, por exemplo, nós O amaríamos acima de tudo pela Sua infinita bondade, e pela beleza que n’Ele resplende. Ao menos ocuparia Ele o mesmo lugar que ocupam as riquezas, os prazeres, a glória, os companheiros.” (p. 180)

O Amor a Deus ainda está abaixo dos interesses puramente materiais.

A maioria diz acreditar em Deus, mas prefere o imediatismo da vida material.

Para muitos, Deus ainda é objeto de dúvida e geralmente se lembra d’Ele nos grandes sofrimentos.

O ATEÍSMO

“O ateísmo é uma concepção monstruosa e antinatural, e difícil de ser aceita pelo espírito humano, ainda que insolente e anárquico, embora se encontre quem a ostente, seja por rebeldia, seja pela vaidade de emitir opiniões originais e reformadoras...[...] Não é crível, portanto, que esse conjunto que constitui o mundo, que essa admirável máquina não revele vestígios denunciadores da presença do grande arquiteto que a construiu, e que não se perceba em algumas de suas peças algo suscetível de lembrar o artesão que as fez e juntou. E, efetivamente, Suas obras principais denotam o caráter de Sua divindade, o qual somente a nossa fraqueza impede de perceber.” (pp. 181/182)

A crença nos deuses era natural nos homens dos tempos primitivos e permanece entre os povos rudimentares que ainda existem esparsamente no mundo atual.

A crença é a regra geral, ou seja, a atitude espontânea das criaturas humanas enquanto que o ateísmo representa a exceção, ou seja, um estado de espírito antinatural.

A falsa superioridade intelectual faz algumas pessoas assumirem postura negativista, por vaidade ou rebeldia, como afirma Montaigne.

Quem realmente aprofunda as pesquisas científicas sem ideia preconcebida conclui, certamente, que um Universo que funciona de forma organizada não pode ter como causa o mero Acaso e sim uma Inteligência Perfeita, que tudo ordena e sustenta.

AUTO-SUSTENTAÇÃO

“A natureza cuida igualmente de todas as criaturas. Não há nenhuma que ela não tenha abundantemente provido de meios necessários à sua conservação.” (p. 189)

Se todos os seres inferiores detêm meios de sobrevivência, quanto mais os seres humanos!

O que falta, muitas vezes, em algumas pessoas é a vontade firme de aperfeiçoar-se e insistir no trabalho.

Quem se esforça e tem persistência sempre progride.

AINDA A ECOLOGIA

“Não podemos tampouco afirmar que os animais são incapazes de se instruírem como nós homens. [...] ... a maior parte das artes nós as aprendemos com os animais: a tecer e a coser com a aranha, a edificar com a andorinha, a fazer música com o rouxinol e o cisne, e a curar com certos bichos. [...] Condenamos tudo o que nos parece estranho e também o que não compreendemos. E por esse prisma julgamos os animais.” (pp. 195/196 e 199)

Além das observações que Montaigne faz, o conhecimento do mundo animal nos ensina muitas coisas importantes, inclusive a não ultrapassar os limites da necessidade.

HOMENS DE BEM E DEUS

“... só a humildade e a submissão engendram homens de bem...[...] A obediência é, aliás, a condição natural de uma alma que reconhece em Deus seu superior e benfeitor. Obedecer e submeter-se são o princípio de todas as virtudes, como a presunção é o princípio de todos os pecados.” (pp. 214/215)

Três expressões importantes: humildade, submissão e homem de bem.

Montaigne estabelece a relação que existe entre elas, surpreendendo os orgulhosos e os vaidosos.

DEUS

“De todos os filósofos, Pitágoras foi o que teve mais vivo o sentimento da verdade, ao considerar que essa causa primeira, esse ser-princípio-de-tudo-o-queé, não se pode exprimir e submeter-se a qualquer regra ou definição.” (p. 237)

Deus é a Inteligência Suprema, Criador e Sustentador de tudo que existe. É somente o que podemos compreender com nossos fracos neurônios.

SUPERSTIÇÃO

“*Quantos crimes cometeu a superstição*’.” (p. 244)

Onde a instrução chega, morrem as superstições. As religiões deveriam também incentivar seus adeptos a se instruírem em matéria de Ciência, Filosofia e Artes, pois há muitos religiosos vítimas de superstições grosseiras por conta da sua deficiência quanto à cultura geral.

Fechar os olhos e os ouvidos para a cultura geral gera o fanatismo e o facciosismo, altamente nocivos, funcionando como causa de descrédito para a Religião.

CUIDAR DO CORPO

“Cumpre resguardar o nosso físico, não apenas por nós mesmos, mas por Deus e para os outros homens.” (p. 245)

Os cuidados com o físico englobam inclusive o aperfeiçoamento intelecto-moral, evidentemente, devido à interação entre corpo e alma.

PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS

“Em nada alcança a tua razão maior verossimilhança nem fundamento mais sólido do que quando te convences da pluralidade dos mundos...” (p. 246)

Pode-se entender “mundos habitados”, pois não faz sentido a ideia de que, no Universo todo, somente este minúsculo e insignificante planeta seja habitado...

RESPEITO A DEUS

“Sempre se me afigurou que, da parte de um cristão, dizer: ‘Deus pode morrer; Deus pode desdizer-se; Deus não pode fazer isso ou aquilo’, é maneira de falar absolutamente indiscreta e irreverente. Acho errado envolver assim o poder divino em termos que empregamos; e o que desse modo queremos exprimir cumpriria expressá-lo mais respeitosa e religiosamente.” (p. 248)

Há pessoas que pretendem passar por inteligentes desrespeitando o nome de Deus. Não entenderam ainda que a única fonte do Conhecimento e de tudo que existe é a Divindade e que somente através do amor a Ele se consegue avançar rumo às verdadeiras conquistas intelecto-morais.

Muitos homens e mulheres arrogantes se perderam nos dédalos da confusão por lhes faltar a humildade necessária para se reconhecerem meros porta-vozes daquilo que Deus poderia manifestar por seu intermédio e preferiram falar em nome próprio.

Até muitos gênios se inutilizam pela arrogância, desencaminhando-se e desencaminhando aqueles que neles confiam.

Montaigne encontrava quase sempre o caminho certo nas suas pesquisas e reflexões sobre a Verdade, justamente porque a

humildade perante Deus e a confiança na Sua Inspiração o norteavam.

Quem não consegue dobrar os joelhos frente a Deus não entendeu nada do que seja humildade. E, sem humildade, somente se anda em círculos em volta do próprio umbigo.

AS REVELAÇÕES

“... não pode haver entre os homens senão os princípios que Deus lhes revelou; fora dessa revelação o princípio, o meio e o fim de todas as coisas não passam de sonho e fumaça. [...] ... seio de Deus. Daí emana quando apraz a deus mostrar-nos alguns de seus raios, como Palas saiu da cabeça de Júpiter a fim de se mostrar visível ao mundo.”
(pp. 260 e 261)

A eternidade caracteriza a Criação, sendo que, para nós, o máximo que podemos alcançar é ir descobrindo aos poucos cada detalhe da Grande Realidade.

Para tanto, somente a permissão divina nos propicia esse progresso.

Querermos inverter a ordem natural das coisas significa perda de tempo.

A humildade perante Deus é o requisito principal para a aquisição do conhecimento.

A ARROGÂNCIA LEVA AOS EQUÍVOCOS

“Quem, com competência, andasse a compulsar todas as asneiras que emanam da sabedoria humana, assombraria os outros. [...] É para nos punir de nosso orgulho e fazer-nos sentir nossa miséria e nossa impotência que Deus suscitou a confusão da torre de Babel. Tudo o que empreendemos sem que Sua graça nos ilumine não passa de vaidade e loucura. [...] A que grau de insolência e presunção atingem nossa cegueira e nosso orgulho. [...] Confessemos humildemente que somente Deus no-la revelou, e a fé no-la ensina. [...] E quem, entregue às suas próprias forças, empreenda sondar-se por dentro e por fora, sem levar em conta a revelação divina, e estude o homem sem o embelezar, nada verá, em si, de certo, de provável, impelindo a outra coisa que não à morte, como fim último.” (pp. 264, 270 e 271)

Montaigne teve a paciência de relacionar no seu livro inúmeras tolices afirmadas por algumas das maiores inteligências do mundo antigo, causadas pelo fato de quererem se colocar no pedestal mais alto da vaidade, ao invés de humildemente procurarem a Inspiração Divina.

Alguém que tenha a curiosidade de ler os cientistas, filósofos e outros intelectuais vaidosos poderá ter crises de riso de ver quantas teorias estapafúrdias eles levantaram...

Realmente, o ridículo é a recompensa que muitos merecem quando entronizam a própria vaidade e perdem o rumo do bom senso.

REENCARNAÇÕES DE PITÁGORAS

“Pitágoras dizia mesmo, a propósito, lembrar-se de ter sido Etárido, mais tarde Euforbo, Hermotimo em seguida, e enfim Pirro, conservando na memória o que lhe ocorrera em cento e seis anos.” (p. 271)

Muitos milhões de pessoas, principalmente os orientais, acreditam na reencarnação. No entanto, quanto a muitos ocidentais, enquanto não se conscientizarem de que as reencarnações representam uma realidade, através de que vamos evoluindo intelectual e moralmente, permanecerão emparedados pela incerteza quanto ao presente e ao futuro.

Quem acha que a vida termina com a morte corporal se desespera facilmente. Quem acha que, após a morte, define-se o futuro eternamente pelo Céu ou o Inferno, faz pouco da Justiça Divina e nega o Amor Divino, que não quer que nenhum filho Seu se perca.

Pitágoras pregava a reencarnação, afirmando algumas de suas vidas mais recentes. Essa crença perdurou dentro até os primeiros séculos da era cristã, inclusive nos arraiais cristãos até que, num triste e lamentável Concílio, a Cúpula da Igreja Católica Apostólica Romana resolveu proibir que seus adeptos continuassem a adotar essa crença. De lá para cá os cristãos em geral vivem aterrorizados com a morte quando ela se aproxima,

abalam-se profundamente com o falecimento dos entes queridos e vêm no futuro uma grande interogação.

Representou aquele fatídico Concílio um dos piores crimes que se cometeu contra a humanidade: verdadeiro atentado contra a Esperança e a Felicidade das pessoas e autêntica tentativa de se matar a crença na Bondade Divina, por via indireta.

OUTROS FILÓSOFOS REENCARNACIONISTAS

“Orígenes considera que vão e vêm eternamente, passando de uma condição boa a uma condição má. Varro declara que após uma evolução de quatrocentos e quarenta anos, elas tornam a unir-se a seu primeiro corpo. Crisipo afirma que assim ocorre após um lapso de tempo determinado, cuja duração é desconhecida. Platão (que diz ter recebido de Píndaro e dos poetas antigos essa crença) do fato da alma estar sujeita a inúmeras migrações, e de não receber no outro mundo senão tristezas e recompensas temporais, como na sua vida aqui, conclui que ela adquire um conhecimento particular das coisas do céu, dos infernos e da terra, por onde passou e repassou e de que conservou reminiscências.” (pp. 271/272)

É interessante como a Filosofia é estudada nas Universidades sem a mínima referência dos filósofos acima quanto à reencarnação. Tudo se analisa sobre o pensamento platônico, alguma coisa se fala sobre as idéias de Pitágoras, mas passa-se ao longe quanto às ideias reencarnacionistas que eles afirmaram com toda a responsabilidade e a autoridade do seu prestígio.

Realmente, o ensino universitário peca pelo seu estilo materialista, perdendo em qualidade quando se limita pelo reducionismo.

O próprio Montaigne é estudado por alto, sendo a maioria dos que o leram não analisa em profundidade suas ideias, voltadas, na essência, para a religiosidade e a Fraternidade Universal. Muitos vêem nele apenas um cético...

CONHECER O CORPO E A ALMA

“... o homem sabe tão pouco de seu corpo quanto de sua alma.” (p. 274)

Pessoas pouco afeitas ao estudo da História costumam pensar que a Ciência “começou” na Europa a partir do XIX, mas a verdade é que muito já tinha sido feito muito antes. A Índia e a China já estavam muito desenvolvidas em termos de Ciência quando a Europa sequer tinha saído da barbárie. Isso sem falar no Egito Antigo. Grandes invenções e descobertas se devem àqueles dois países, as quais, posteriormente, foram aperfeiçoadas na Europa.

No século XVI na Europa regurgitava o Renascimento, ou seja, o período em que os valores e o estilo medievais foram sendo gradativamente substituídos por u’a mentalidade que mesclavam os ideais progressistas, incentivados inclusive pela descoberta da América, com o estudo retrospectivo do que de melhor a Grécia e Roma Antigas tinham produzido.

A afirmativa de que pouco se sabia do corpo e da alma valia para aquele tempo como vale ainda hoje quanto às pessoas em geral.

A conexão entre corpo e alma não interessa à maioria das pessoas: assim, surgem doenças do corpo e da alma, encurta-se o tempo de vida e sofre-se desnecessariamente.

O corpo é u'a máquina viva, que precisa de cuidados competentes para render o máximo e propiciar qualidade de vida.

A alma é a essência do ser humano, que só é conhecida em profundidade por aqueles que se dedicam a esse estudo com determinação e boa orientação.

Infelizmente, todavia, muitos não levam em conta uma coisa nem a outra.

Procuram-se formas de ganhar dinheiro, conquistar prestígio e poder, gozar os prazeres materiais e deixar o tempo passar sem maior utilidade.

O hábito de refletir sobre o que convém e o que não convém não costuma fazer parte do dia-a-dia de muita gente: a maioria é impulsionada pelos acontecimentos e não se detém em analisá-los.

OS MISSIONÁRIOS DA “VERDADE”

“Só as coisas que vêm do céu têm direito de persuasão e a indispensável autoridade; só elas trazem a marca da verdade, mas nossos olhos não as distinguem e não as obtemos por nossos próprios meios. Essa santa e grande imagem não elegeria domicílio em tão miserável barraca, se Deus por especial favor não a houvesse preparado para isso, não a houvesse transformado e fortificado com Sua graça. Nossa condição, tão sujeita a desfalecimento, deveria inspirar-nos mais moderação e discrição em nossas variações; deveríamos lembrar que, quaisquer que sejam as impressões de nossa inteligência, muitas vezes são coisas falsas e que as percebemos com esses mesmos instrumentos que amiúde se enganam.” (p. 279)

O que se pode ter como certo é que a Verdade, em suas variadas ramificações, emana de Deus na medida do merecimento de cada um.

Cada pessoa desempenha o papel que tem condições de desempenhar.

As verdades mais importantes, todavia, são veiculadas por aqueles que se posicionam perante Deus com humildade, fazendo jus às grandes revelações.

A simples inteligência não garante resultados excelentes em determinadas áreas, sendo necessária a Inspiração Superior, fruto da humildade.

A QUESTIONÁVEL DITADURA DA RAZÃO

“Dou esse nome de razão a essa aparência de juízo que cada um forja em si mesmo e que a respeito de um mesmo assunto pode levar a cem apreciações diversas e contraditórias, instrumento feito de chumbo e cera, que se estica e dobre e se ajeita a todas as circunstâncias, a todos os compromissos, e que um pouco de habilidade basta para levar a amoldar-se a quaisquer moldes.” (p. 280)

A verdade é que a razão é influenciada, em cada pessoa, por muitos fatores: a experiência de vida, o nível intelecto-moral, o estado de saúde, as circunstâncias do momento e uma série de outros fatores, que fazem surgir os pontos de vista mais variados.

Assim, a própria ideia de que a razão é infalível deve ser analisada com bom senso.

PEDIR O QUE FOR REALMENTE ÚTIL

“Quando, jamais, concebeu algo de que não se arrependesse mais tarde, mesmo se os fatos atendem ao que esperava? Isso fazia Sócrates pedir somente aos deuses o que eles sabiam ser-lhe útil.” (p. 290)

As crianças costumam pedir aos seus pais guloseimas e ficam felizes quando são dispensadas das obrigações.

Há adultos que pedem benefícios mais ou menos equivalentes a esses e tanto os que não os conseguem quanto os que os conseguem frustram-se igualmente, porque são objetivos que não realizam o ser humano.

Os benefícios que não melhoram o ser humano são decepcionantes.

Esfalfa-se a maioria na sua conquista, vivendo e morrendo à procura de quimeras.

Somente o autoconhecimento realiza o ser humano. Sócrates e Jesus Cristo falaram a mesma coisa, apenas que em linguagem diferente.

O QUE É O SOBERANO BEM

“Não há assunto que provoque controvérsias mais violentas entre os filósofos do que o soberano bem. Em que consiste? Varro afirma que duzentas e oitenta e oito seitas nasceram dessa questão.” (p. 291)

Com todo o respeito que merece cada uma dessas correntes de pensamento, o Soberano Bem pode ser representado pelo cumprimento da tríade Liberdade-Igualdade-Fraternidade. Somente assim as pessoas viverão em harmonia, sem os percalços provocados pelo orgulho, egoísmo e vaidade, que as infelicitam individual e coletivamente.

Outras soluções ajudam, complementam, acrescentam, mas não passarão de medidas de superfície se não forem acompanhadas da tríade fundamental.

RESPEITO

“O que a razão aconselha, e com aparência de verdade, é que cada qual observe as leis de seu país. É a opinião de Sócrates, inspirada, diz ele, pela divindade.” (p. 292)

É imprescindível que cada um cumpra seus próprios “deveres”.

Sem isso, ou seja, as pessoas exigindo apenas seus “direitos”, mas não cumprindo seus “deveres”, teremos uma sociedade desorganizada, como é a nossa, onde se vê muito de desonestidade, egoísmo, desigualdade e injustiças.

Sócrates estava aconselhando, naquele momento, o respeito ao que os hindus chamam de “dharma”, ou seja, o conjunto dos “deveres”.

Os orientais em geral dão destaque especial aos “deveres”, tendo criado uma sociedade injusta, enquanto que os ocidentais superestimam os “direitos”, também instituindo um modelo de sociedade injusta. O ideal é mesclarem-se os dois modelos, o que somente acontecerá quando as duas culturas aproveitarem o que a outra tem de bom.

A ideia atual de cidadania engloba “direitos” e “deveres”, ambos interligados umbilicalmente: qualquer deles, se for considerado sem o outro, é como um ser humano com uma perna só.

EVOLUÇÃO INFINITA

“O tempo muda a face do mundo; uma ordem de coisas substitui outra, necessariamente. Nada é estável, tudo se transforma e a natureza está em contínua metamorfose.”

(p. 311)

A frase é de Lucrécio e Montaigne a aproveitou como reforço para reconhecer que tudo está sujeito às mudanças permanentes.

Na verdade, essas mudanças ocorrem no sentido da evolução, ou seja, aperfeiçoamento, mesmo quando pareça o contrário.

Por isso, o otimismo não representa entusiasmo ingênuo, mas simplesmente o resultado do conhecimento da Lei Divina, que rege o universo e todos os seres que o compõem, inclusive os seres humanos.

Nenhuma obra é mais esclarecedora nesse sentido do que a produção filosófico-científica de Pietro Ubaldi, principalmente a Grande Síntese, que ilumina as inteligências abertas para a Verdade, aquelas que procuram o Conhecimento reverentes a Deus.

A evolução é uma das principais Leis da Criação Divina, a qual se processa, todavia, não exatamente conforme a ideologia um tanto pessimista de Charles Darwin, que enxergou a “competição”, o Ódio, como sua mola-mestra, mas sim pela

“colaboração”, detectada por Jean-Baptiste Lamarck, que se traduz no Amor.

As afirmações da obra ubaldiana vão sendo cada vez mais comprovadas pelas inteligências libertas dos preconceitos e sobretudo da vaidade.

Tinha razão Montaigne ao afirmar que somente a Revelação Divina nos faz chegar à Verdade, mas, para tanto, a humildade é pré-requisito indispensável.

SÓ DEUS É IMUTÁVEL

“...’só Deus é’, não segundo uma medida qualquer do tempo, mas segundo a eternidade imutável e fixa, que não é função do tempo e não está sujeita a variações. Nada O precedeu, nada se Lhe seguirá, e nada é mais novo ou recente; Ele é realmente, agora e sempre, o que para Ele são a mesma coisa. Nada a não ser Ele existe verdadeiramente, de que se possa dizer ‘foi e será’, porquanto Ele não teve começo e não terá fim.’” (pp. 311/312)

A crença em Deus é natural no ser humano, tendo apenas evoluído da ideia de um deus para cada fenômeno da Natureza ou situação específica da vida para um Deus Único, Criador de tudo que existe.

É antinatural o ateísmo, fruto do orgulho desmedido de alguns homens e mulheres, que se rebelam à ideia da humildade.

Como não pode haver efeito sem causa, se o Universo é regido de forma inteligente, não pode ter sido obra do acaso.

A observação atenta e sem preconceitos do Universo e da própria realidade humana, dentro do contexto em que se desenvolve, mostra que sem a ideia de Deus nada faz sentido.

Já passou o tempo em que a afirmação da existência de Deus ficava nos domínios da Filosofia e da Religião, pois a própria Ciência, principalmente através da Física, vem demonstrar que a

perfeição do funcionamento do Universo se deve a uma Causa Perfeita.

A HUMILDADE

“Elevar-se-á, se Deus lhe quiser dar a mão. Elevar-se-á sob a condição de abandonar seus meios de ação, de renunciar a eles e de se deixar erguer e elevar-se unicamente pelos meios que vêm do céu. É nossa fé cristã, e não a virtude estóica dos filósofos que pode operar essa divina e milagrosa metamorfose.” (p. 312)

A ideia não é de rebaixar a dignidade do esforço humano na busca do autoaperfeiçoamento e na melhoria das condições do planeta, mas sim ressaltar a Ajuda Divina, presente na vida de cada um, na medida do merecimento individual.

Montaigne quis afirmar que os filósofos estóicos, acreditando demais nas próprias forças, estavam despreparados para *“operar essa divina e milagrosa metamorfose”*, ou seja, fazer o ser humano elevar-se acima de si próprio, evoluir rumo à Perfeição Divina.

A ideia da autossuficiência é uma das piores que determinadas pessoas escolhem para sua vida, pois não leva muito longe, e, ao contrário, ruma para a destruição, sendo dois desses exemplos as ideologias nazista e fascista, de triste memória.

SERENIDADE NA MORTE

“A meu ver, nada é mais belo, na vida de Sócrates, do que ter permanecido durante trinta dias, depois de condenado, examinando serenamente a morte futura, sem emoção, sem revelar nenhuma alteração de humor, agindo e conversando, antes com calma do que excitação sob o peso de um tal pensamento.” (p. 315)

O próprio Cristianismo contribuição, principalmente na Idade Média, para a criação de u’a mentalidade de terror em relação ao fenômeno natural da morte, a tal ponto que, no ocidente, as pessoas costumam encarar essa realidade da vida com verdadeiro pânico.

Sócrates, conhecedor da realidade da vida *“post mortem”*, pois que mantinha contato permanente com seus orientadores espirituais, não via na morte senão u’a mudança natural, que não o assustava.

Infelizmente, as informações daquele grande filósofo sobre esse tema não foram valorizadas, como deveriam, pela Filosofia e pela Religião, ficando restritas a uns poucos estudiosos de mentalidade aberta, o que muito prejudicou o desenvolvimento da Cultura Humana.

A NÃO-VIOLÊNCIA

“Talvez a facilidade de nela entrarem tenha sido uma das causas que preservaram minha residência das violências das guerras civis. Defender-se sugere ataque; a desconfiança provoca a ofensa. Desinteressei a soldadesca de minha casa, tirando-lhe qualquer probabilidade de glória, o que, em geral, a seus olhos, justifica e desculpa todos os excessos. O que exige coragem é sempre considerado honroso, quando a justiça já não existe, por isso fiz com que a invasão de minha casa parecesse um ato de covardia e traição. Não se fecha ela para ninguém que lhe bata à porta; como única medida de precaução, há um porteiro, educado nos usos do passado e destinado menos a impedir a entrada do que a tornar mais decente e agradável a recepção.” (p. 321)

Na atualidade há pessoas que se cercam de todas as formas de proteção contra assaltos e sequestros, inclusive andando armadas. É grande o número de pessoas que têm armas de fogo, do que resultam muitos crimes de homicídio e lesões corporais.

“Violência gera violência”, diz o ditado.

Somente a mentalidade pacifista propicia a paz social.

Na época em que viveu Montaigne eram comuns as guerras civis, mas, mesmo naquele contexto conturbado praticava ele a não-violência.

Hoje em dia, mesmo com todo o progresso e civilização realizados, ainda existe a violência urbana, produto da desigualdade social.

Todavia, quem procura viver em paz tende a sair sempre ganhando em termos de tranquilidade.

REENCARNAÇÕES DE PITÁGORAS

“A glória e a honra só a Deus pertencem, portanto nada será mais absurdo do que as reivindicarmos. Somos, essencialmente, tão pobres, tão necessitados, tão imperfeitos, que nossa preocupação constante deve ser a de trabalhar continuamente, para melhorarmos. [...] Crisipo e Diógenes foram os primeiros a desprezar a glória, e com maior resolução. Diziam que, entre todas as volúpias, não há mais perigosa, nem de que mais se deva fugir do que a aprovação alheia.” (pp. 322 e 323)

Realmente, viver em função da satisfação da própria vaidade é equivalente à tentativa do cão em morder a própria cauda: não consegue nunca alcançar seu objetivo.

A notoriedade, por mais esforços que se faça, é sempre momentânea e a Mídia cria e destrói os ídolos numa sucessão interminável.

A melhor opção é não se preocupar em estar em evidência, mas sim viver em paz e construtivamente.

GLÓRIA

“... *nossa glória está no testemunho de nossa consciência.*” (p. 326)

Montaigne dedica um capítulo inteiro à reflexão sobre a glória, que ele considerava, por certo, um tópico importante para ser analisado, com aplicação na sua própria vida.

Como homem despreocupado com a ambição, que era, fez questão de mencionar o entendimento de São Paulo, o qual vivia concentrado no seu trabalho de autoaprimoramento e sem nenhuma intenção de se autopromover às custas da missão apostólica.

Há pessoas que se dedicam tanto à propaganda de si próprias que acabam “entrando para a História”. Dentre elas, encontram-se personagens antigos e atuais que chegam ao ponto de desvirtuar as informações históricas, visando engrandecer-se.

A vaidade é um defeito moral grave, que costuma inquietar o ser humano na procura de evidência constante.

O vaidoso não se contenta em viver sem os “holofotes da Mídia”, sem aparecer no noticiário dos jornais e sem ser aplaudido nos lugares onde chegue.

Há quem arrisque a própria vida, e vem a perdê-la realmente, à caça da fama, muitas vezes, passageira, fugaz.

Hoje em dia, a Mídia tem procurado conquistar audiência dando oportunidade a pessoas sem mérito verdadeiro de

ganharem os ambicionados “cinco minutos de fama”. Essas pessoas se desdobram, fazem “das tripas coração” para serem vistas “na televisão” ou aparecerem em revistas ou jornais.

Recentemente, criou-se o canal da Internet, que muitos transformam em palanque para exaltar os próprios feitos e divulgar seu nome às vezes de forma risível, no fundo, como mera satisfação da vaidade pessoal.

Mesmo que a glória seja duradoura, constitui-se apenas em ilusão, fantasia, que não melhora nossa realidade interior.

O autoconhecimento é que nos desnuda de verdade e mostra o que conseguimos evoluir, enquanto que a glória costuma nos fazer pensar que correspondemos à imagem divulgada pela (auto)propaganda laudatória.

Triste fantasma, talvez mero palhaço de rosto pintado, a glória não deve fazer parte das nossas metas para a vida, sob pena de termos de carregá-la como pesada cruz, ao final de cuja caminhada sejamos crucificados.

Quando ocorre em escala elevada, costuma tyrannizar a vida do seu “beneficiário”, tornando-o alvo das mais ridículas e absurdas reivindicações e propostas.

Todas as pessoas que ficam famosas perdem a privacidade e passam a ser alvo da curiosidade doentia ou interesseira de muitos, sofrem com a idolatria que alguns passam a dedicar-lhes e

realmente a fama traz muito mais malefícios do que utilidades para o seu detentor.

Feliz de quem consegue viver sem essa escravidão externa.

Mais feliz ainda quem sequer procura a evidência no meio onde vive e concentra-se em cumprir seu dever de forma natural e espontânea.

O CAMINHO RETO

“Se eu não seguisse o caminho reto, pela sua retidão, ainda o seguiria por ter verificado, pela experiência, que, afinal de contas, é o que de costume nos torna mais felizes e nos é mais útil...” (p. 327)

Os desvios que se possam imaginar para “driblar” a honestidade são sempre problemáticos.

Há quem já nasça vocacionado para a honestidade, há os que aprendem a honestidade às custas da própria experiência e há os que são convictamente dotados de índole desonesta.

A diferença entre os honestos e os desonestos é da própria essência individual: os primeiros adotam instintivamente a correção, enquanto que os segundos costumam agir corretamente somente nos casos em que a conveniência lhe recomende assim proceder.

Pais e mães devem observar a índole dos próprios filhos, induzindo-os à honestidade muito mais pelo próprio exemplo diário do que pelas palavras e castigos.

Trilhar o caminho reto traz a paz da consciência e a certeza de não ter de “justificar o injustificável”...

QUALIDADES VALIOSAS

“As próprias qualidades, de que posso jactar-me, são inúteis neste século: a simplicidade de meus hábitos seria tachada de covardia e fraqueza; minha fé e meus escrúpulos, de superstição; minha franqueza e liberdade de atitude, seriam julgadas inoportunas e ousadas.” (p. 344)

Montaigne destaca as seguintes qualidades: simplicidade de hábitos, fé, escrúpulos, franqueza e liberdade de atitude.

A simplicidade dos hábitos representa a virtude própria de quem sabe distinguir a “essência” da vida feliz dos “acessórios”, estes últimos perfeitamente dispensáveis. O bom senso é que vai indicar, para cada pessoa, a linha divisória entre a simplicidade, a falta de capricho e a presença do supérfluo.

A fé religiosa, em si mesma, costuma ser um indício de humildade e dá um significado maior à vida, impulsionando para realizações voltadas para o desenvolvimento ético-moral.

Os escrúpulos representam a preocupação de não se ferir a própria consciência. Não se confundem com o excesso de zelo das pessoas sistemáticas, para quem o “não” é a regra quase sem exceções.

A franqueza é obrigatória para quem pretende ser realmente útil, afirmando claramente o Bem. Não é sinônimo, todavia, de rudeza, agressividade ou brutalidade.

A liberdade de atitude, quando direcionada para o Bem, embasa a coragem de agir, sem a qual o medo paralisa as boas obras.

A BONDADE

“Meu mérito reside em uma coisa vulgar e comum a todos: o bom senso.” (p. 352)

Realmente, uma das mais importantes virtudes que alguém possa adquirir é o bom senso.

Saber escolher entre várias atitudes ou situações a que melhor se adequa ao bom senso é importantíssimo para a vida.

Deve-se, para tanto, refletir muito, consultar pessoas ponderadas e orar pedindo a orientação de Deus.

AUTOANÁLISE

“Em geral, os homens voltam-se para fora; eu, volto-me para dentro de mim mesmo, demoro-me na investigação e nela me comprazo. Todos olham para frente, ao passo que eu olho para mim, observando-me, analisando-me.” (p. 353)

Montaigne era discípulo de Sócrates, que pregava o autoconhecimento.

Nenhum estudo há mais importante que esse, no sentido do aprofundamento não só da própria realidade individual, como também de toda a Ciência voltada para o ser humano, no que diz respeito ao seu corpo quanto à sua alma.

Trata-se de um estudo que uma vida inteira não é suficiente para completá-lo, suscitando cada vez maior aprofundamento.

PRESUNÇÃO

“... posso dizer estar isento do vício da presunção.” (p. 354)

Presunção é sinônimo de arrogância, ou seja, o grave defeito de quem se julga “dono da Verdade”.

A humildade faz os verdadeiros sábios emitirem suas opiniões respeitando a liberdade alheia de pensar diferente. A arrogância pretende obrigar todo mundo a pensar de uma única maneira.

INSTRUÇÃO EM VEZ DE EDUCAÇÃO

“Volto a comentar a inépcia da educação que nos dão. Visa ela fazer de nós homens de ciência, e consegue-o. Não aprendemos a amar e praticar a virtude e a prudência...”
(p. 355)

O que, em geral, se tem nas escolas é a instrução, ou sejam, as informações técnicas destinadas ao sucesso profissional. Nos lares muitas vezes se fala em virtudes, mas muitos exemplos dos pais contradizem o que falam, gerando seu descrédito.

As virtudes são ensinadas sobretudo pelas religiões, sendo que as pessoas voltadas para os trabalhos assistenciais exemplificam-nas através de suas atitudes beneméritas.

A prudência é resultado do bom senso, que dita uma conduta ponderada.

A mais importante de todas as virtudes é o Amor, que também pode ser chamado de Fraternidade Universal.

O DEVER DE ENSINAR

“A natureza gratificou-nos generosamente com a faculdade de nos isolarmos para refletir; convida-nos não raro a fazê-lo para nos ensinar que temos obrigações para com a sociedade e principalmente para com nós mesmos. A fim de forçar nossa imaginação a pôr ordem no próprio devaneio e conduzi-la na direção de dados objetos, impedindo-a de se perder em extravagâncias, nada melhor do que desenvolver as ideias ocasionais. É o que faz que dê atenção às minhas, pois impus a mim mesmo consigná-las em meus escritos. Quantas vezes, aborrecido por não ter podido criticar abertamente tal ou qual ação, por civilidade ou prudência, eu o fiz nestes ensaios com a esperança de contribuir para a edificação de alguém!” (p. 359)

Há quem tenha o dom de escrever, outros são oradores, outros bons conversadores e assim por diante.

De qualquer forma, cada um pode assumir o dever moral de contribuir para a melhoria da sociedade transmitindo-lhe suas reflexões, seus conhecimentos e experiência.

Salvo casos especiais, hoje em dia só vive isolado quem se recusa terminantemente em interagir com as demais pessoas.

O número de agremiações de vários tipos, entidades associativas, filantrópicas, políticas, classistas, religiosas etc. é

muito elevado e espalha-se por todas as localidades, inclusive as mais distantes e pobres.

Cada um deve integrar-se em pelo menos algumas dessas entidades e aí dar sua contribuição, inclusive ensinando o que sabe.

Esse é um dos grandes projetos de vida, preconizado por Montaigne através da sua pena engenhosa e idealista.

A CRENÇA NA IMORTALIDADE DA ALMA

“Devia à prática da filosofia seu singular desprezo pela vida e pelas coisas humanas, e acreditava firmemente na imortalidade da alma.” (p. 363)

Montaigne está se referindo a Juliano, que ficou conhecido na História como O Apóstata, o qual impôs ao povo romano o retorno à crença politeísta, inclusive, perseguindo os adeptos do Cristianismo nascente.

Todavia, mesmo sendo pagão, como diz Montaigne, ‘*acreditava firmemente na imortalidade da alma*’, ao contrário de muitos cristãos atuais, que afirmam que não existe alma e que nos resumimos a meros corpos destinados à sepultura.

Veja-se esse paradoxo: um homem que acreditava em muitos deuses e não em um Deus único, mas confiante na existência do espírito e sua imortalidade após o decesso corporal.

É aí mais um tema para nossa reflexão.

A NOCIVIDADE DA CÓLERA

“Não há paixão que mais perturbe a equidade dos juízos do que a cólera.” (p. 394)

Qualquer atitude que alguém venha a tomar movido pela cólera representa um perigo sério para si e para os outros.

Somente quando se está sereno, e, principalmente, movido pela Fraternidade, se deve agir, pois as chances serão muito maiores de bons resultados.

As pessoas coléricas podem ser generosas, mas seu desequilíbrio emocional pode ser altamente danoso, inclusive para sua própria saúde.

As pessoas devem evitar a cólera nas atitudes, nas palavras e até nos pensamentos, pois o que pensamos acaba se tornando palavras ou ações.

A educação das emoções e dos pensamentos é primordial para a evolução ético-moral.

COERÊNCIA ENTRE O FALAR E O AGIR

“Nunca leio um autor que trate da virtude e dos atos que inspira sem procurar saber como se conduziu ele próprio.”

(p. 395)

Trata-se de uma questão de credibilidade.

Apresentar propostas éticas é relativamente fácil e muita gente faz isso, traçando parâmetros para a conduta alheia ou, mais comumente, criticando o procedimento dos outros.

Todavia, acaba que só se dá credibilidade a quem age eticamente, fazendo com que seus discursos, seus escritos e suas conversas informais sejam levadas em conta, sendo que a força da sua exemplificação é que convence.

AUTOCONTROLE

“Aos que tenham motivos para irritar-se aconselho que se controlem e não esbanjem sua cólera, pois isto lhes atenua os efeitos. As gritarias constantes convertem-se em hábito; não mais se lhes dão atenção.” (pp. 397/398)

Mesmo quando alguém tenha motivo para irritar-se não deve gritar. Muito menos quem não tenha motivo algum.

O hábito de gritar é nocivo em todos os aspectos, além de quem tem esse hábito gerar seu próprio descrédito...

Este é um conselho prático, destinado às pessoas que se podem classificar como “mal-educadas”.

A CRENÇA NA IMORTALIDADE DA ALMA

“Devia à prática da filosofia seu singular desprezo pela vida e pelas coisas humanas, e acreditava firmemente na imortalidade da alma.” (p. 363)

Montaigne está se referindo a Juliano, que ficou conhecido na História como O Apóstata, o qual impôs ao povo romano o retorno à crença politeísta, inclusive, perseguindo os adeptos do Cristianismo nascente.

A CRENÇA NA IMORTALIDADE DA ALMA

“Devia à prática da filosofia seu singular desprezo pela vida e pelas coisas humanas, e acreditava firmemente na imortalidade da alma.” (p. 363)

Montaigne está se referindo a Juliano, que ficou conhecido na História como O Apóstata, o qual impôs ao povo romano o retorno à crença politeísta, inclusive, perseguindo os adeptos do Cristianismo nascente.

A CRENÇA NA IMORTALIDADE DA ALMA

“Devia à prática da filosofia seu singular desprezo pela vida e pelas coisas humanas, e acreditava firmemente na imortalidade da alma.” (p. 363)

Montaigne está se referindo a Juliano, que ficou conhecido na História como O Apóstata, o qual impôs ao povo romano o

retorno à crença politeísta, inclusive, perseguindo os adeptos do Cristianismo nascente.

A CRENÇA NA IMORTALIDADE DA ALMA

“Devia à prática da filosofia seu singular desprezo pela vida e pelas coisas humanas, e acreditava firmemente na imortalidade da alma.” (p. 363)

Montaigne está se referindo a Juliano, que ficou conhecido na História como O Apóstata, o qual impôs ao povo romano o retorno à crença politeísta, inclusive, perseguindo os adeptos do Cristianismo nascente.

NOTAS

[1] http://pt.wikipedia.org/wiki/Michel_de_Montaigne

Michel Eyquem de Montaigne (Saint-Michel-de-Montaigne, 28 de fevereiro de 1533 — Saint-Michel-de-Montaigne, 13 de setembro de 1592) foi um escritor e ensaísta francês, considerado por muitos como o inventor do ensaio pessoal. Nas suas obras e, mais especificamente nos seus "Ensaio", analisou as instituições, as opiniões e os costumes, debruçando-se sobre os dogmas da sua época

e tomando a generalidade da humanidade como objecto de estudo. É considerado um céptico e humanista.

Montaigne começou a sua educação com o seu pai. Este tinha um espírito por um lado vigilante e metódico e por outro aberto às novidades. Após estes estudos enveredou pelo Direito. Exerceu a função de magistrado primeiro em Périgoux (de 1554 a 1570) depois em Bordéus onde travou profunda amizade com La Boetie.

Retirou-se para o seu castelo quando tinha 34 anos para se dedicar ao estudo e à reflexão. Levou nove anos para redigir os dois primeiros livros dos Essais. Depois viajou por toda a Europa durante dois anos (1580-1581). Faz o relato desta viagem no livro Journal de Voyage, que só foi publicado pela primeira vez em 1774.

Foi presidente da Câmara em Bordéus durante quatro anos. Depois, regressou ao seu castelo e continuou a corrigir e a escrever os Essais, tendo em vista o estilo parisiense de exposição doutrinária. Os seus Ensaios compreendem três volumes (três livros). Os seus Ensaios vieram a público em três versões: Os dois primeiros em 1580 e 1588. Na edição de 1588, aparece o terceiro volume. Em 1595, publica-se uma edição póstuma destes três livros com novos acrescentos.

Os Essais são um auto-retrato. O auto-retrato de um homem, mais do que o auto-retrato do filósofo. Montaigne apresenta-se-nos em toda a sua complexidade e variedade humanas. Procura também encontrar em si o que é singular. Mas ao fazer esse estudo de auto-observação acabou por observar também o Homem no seu todo. Por isso, não nos é de espantar que neles ocorram reflexões tanto sobre os temas mais clássicos e elevados ao lado de pensamentos sobre a flatulência. Montaigne é assim um livre pensador, é um pensador sobre o Humano, sobre as suas diversidades e características. E é um pensador que se dedica aos temas que mais lhe apeteçam, vai pensando ao sabor dos seus interesses e caprichos.

Se por um lado se interessa sobremaneira pela Antiguidade Clássica, esta não é totalmente passadista ou saudosista. O que lhe interessa nos autores antigos, especialmente os latinos mas também gregos, é encontrar máximas e reflexões que o ajudem na sua vida diária e na sua auto-descoberta. Montaigne tenta assim compreender-se, através da introspecção, e tenta assim compreender os Homens.

Montaigne não tem um sistema. Não é um moralista nem um doutrinador. Mas não sendo moralista, não tendo um

sistema de conduta, uma moral com princípios rígidos, é um pensador ético. Procura indagar o que está certo ou errado na conduta humana. Propõe-se mais estudar pelos seus ensaios certos assuntos do que dar respostas. No fundo, Montaigne está naquele grupo de pensadores que estão a perguntar em vez de responder e é na sua incerteza em dar respostas que surge um certo cepticismo em Montaigne. Como não está interessado em dar respostas apriorísticas tem uma certa reserva em relação a misticismos e crenças. É de notar um certo alheamento em relação ao Cristianismo e às lutas de religião que se viviam em França. Embora não deixe de refletir em assuntos como a destruição das novas índias pelos Espanhóis. Ou seja, as suas reflexões visam os clássicos e a sua própria contemporaneidade. Tanto fala de um episódio de Cipião como fala de algum acontecimento do seu século como fala de um qualquer seu episódio doméstico.

Registre-se que Michel foi tio pelo lado materno de Santa Joana de Lestonnac.

[2] <http://pt.wikipedia.org/wiki/Socrates>

Sócrates (em grego antigo: Σωκράτης, transl. Sōkrátēs; 469–399 a.C.) foi um filósofo ateniense, um dos mais

importantes ícones da tradição filosófica ocidental, e um dos fundadores da atual Filosofia Ocidental. As fontes mais importantes de informações sobre Sócrates são Platão, Xenofonte e Aristóteles (Alguns historiadores afirmam só se poder falar de Sócrates como um personagem de Platão, por ele nunca ter deixado nada escrito de sua própria autoria.). Os diálogos de Platão retratam Sócrates como mestre que se recusa a ter discípulos, e um homem piedoso que foi executado por impiedade. Sócrates não valorizava os prazeres dos sentidos, todavia se escalava o belo entre as maiores virtudes, junto ao bom e ao justo. Dedicava-se ao parto das idéias (Maiêutica) dos cidadãos de Atenas, mas era indiferente em relação a seus próprios filhos.

O julgamento e a execução de Sócrates são eventos centrais da obra de Platão (Apologia e Críton). Sócrates admitiu que poderia ter evitado sua condenação (beber o veneno chamado cicuta) se tivesse desistido da vida justa. Mesmo depois de sua condenação, ele poderia ter evitado sua morte se tivesse escapado com a ajuda de amigos. A razão para sua cooperação com a justiça da pólis e com seus próprios valores mostra uma valiosa faceta de sua filosofia, em especial aquela que é descrita nos diálogos com Críton.

Detalhes sobre a vida de Sócrates derivam de três fontes contemporâneas: os diálogos de Platão, as peças de Aristófanes e os diálogos de Xenofonte. Não há evidência de que Sócrates tenha ele mesmo publicado alguma obra. As obras de Aristófanes retratam Sócrates como um personagem cômico e sua representação não deve ser levada ao pé da letra.

Sócrates casou-se com Xântipe, que era bem mais jovem que ele, e teve três filhos: Lamprocles, Sophroniscus e Menexenus. Seu amigo Críton criticou-o por ter abandonado seus filhos quando ele se recusou a tentar escapar antes de sua execução, mostrando que ele (assim como seus outros discípulos), parece não ter entendido a mensagem que Sócrates tenta passar sobre a morte (diálogo Fédon), antes de ser executado.

Não se sabe ao certo qual o trabalho de Sócrates, se é que ele teve outro além da Filosofia. De acordo com algumas fontes, Sócrates aprendeu a profissão de oleiro com seu pai. Na obra de Xenofonte, Sócrates aparece declarando que se dedicava àquilo que ele considerava a arte ou ocupação mais importante: maiêutica, o parto das idéias. A maiêutica socrática funcionava a partir de dois momentos essenciais: um primeiro em que Sócrates levava

os seus interlocutores a pôr em causa as suas próprias concepções e teorias acerca de algum assunto; e um segundo momento em que conduzia os interlocutores a uma nova perspectiva acerca do tema em abordagem. Daí que a maiêutica consistisse num autêntico parto de ideias pois, mediante o questionamento dos seus interlocutores, Sócrates levava-os a colocar em causa os seus "preconceitos" acerca de determinado assunto, conduzindo-os a novas ideias acerca do tema em discussão.

Platão afirma que Sócrates não recebia pagamento por suas aulas. Sua pobreza era prova de que não era um sofista.

Várias fontes, inclusive os diálogos de Platão, mencionam que Sócrates tinha servido ao exército em várias batalhas. Na Apologia, Sócrates compara seu período no serviço militar a seus problemas no tribunal, e diz que qualquer pessoa no júri que imagine que ele deveria se retirar da filosofia deveria também imaginar que os soldados devessem bater em retirada quando era provável que pudessem morrer em uma batalha.

Algumas curiosidades: Sócrates costumava caminhar descalço e não tinha o hábito de tomar banho. Em certas

ocasiões, parava o que quer que estivesse fazendo, ficando imóvel por horas, meditando sobre algum problema. Certa vez o fez descalço sobre a neve, segundo os escritos de Platão, o que demonstra o caráter lendário da figura Socrática. Cláudio Eliano lista Sócrates como um dos grandes homens que gostavam de brincar com crianças: uma vez, Alcibíades surpreendeu Sócrates brincando com seu filho Lamprocles.

O método socrático consiste em uma técnica de investigação filosófica feita em diálogo que consiste em o professor conduzir o aluno a um processo de reflexão e descoberta dos próprios valores. Para isso ele faz uso de perguntas simples e quase ingênuas que têm por objetivo, em primeiro lugar, revelar as contradições presentes na atual forma de pensar do aluno, normalmente baseadas em valores e preconceitos da sociedade, e auxiliá-lo assim a redefinir tais valores, aprendendo a pensar por si mesmo.

Tal técnica deve seu nome "socrático" a Sócrates, o filósofo grego do século V a.C., que teria sido o primeiro a utilizá-la. O filósofo não deixou nenhuma obra escrita, mas seus diálogos nos foram transmitidos por seu discípulo Platão. Nesses textos Sócrates, utilizando um discurso

caracterizado pela maiêutica (levar ou induzir uma pessoa, por ela própria, ou seja, por seu próprio raciocínio, ao conhecimento ou à solução de sua dúvida) e pela ironia, levava o seu interlocutor a entrar em contradição, tentando depois levá-lo a chegar à conclusão de que o seu conhecimento é limitado. No entanto, Aspasia é referida por Sócrates como uma das mais importantes personalidades a orientá-lo em seu desenvolvimento intelectual e filosófico, sobretudo na arte da retórica. Alguns acadêmicos acreditam que teria sido Aspasia quem inventou o método socrático.

Desde seu princípio na antiguidade o método socrático foi utilizado e desenvolvido por diversos filósofos até a atualidade. Leonard Nelson e Gustav Heckmann são dois importantes nomes ligados ao uso atual do método em filosofia. Além disso, sobretudo com o desenvolvimento da terapia cognitiva nos anos 60 do séc. XX, o método socrático passou a ser utilizado como método de entrevista em diversos contextos de psicoterapia e aconselhamento.

As crenças de Sócrates, em comparação às de Platão, são difíceis de discernir. Há poucas diferenças entre as duas ideias filosóficas. Consequentemente, diferenciar as crenças filosóficas de Sócrates, Platão e Xenofonte é uma

tarefa difícil e deve-se sempre lembrar que o que é atribuído a Sócrates pode refletir o pensamento dos outros autores.

Se algo pode ser dito sobre as ideias de Sócrates, é que ele foi moralmente, intelectualmente e filosoficamente diferente de seus contemporâneos atenienses. Quando estava sendo julgado por heresia e por corromper a juventude, usou seu método de elenchos para demonstrar as crenças errôneas de seus julgadores. Sócrates acredita na imortalidade da alma e que teria recebido, em um certo momento de sua vida, uma missão especial do deus Apolo Apologia, a defesa do logos apolíneo "conhece-te a ti mesmo".

Sócrates também duvidava da ideia sofista de que a arete (virtude) podia ser ensinada para as pessoas. Acreditava que a excelência moral é uma questão de inspiração e não de parentesco, pois pais moralmente perfeitos não tinham filhos semelhantes a eles. Isso talvez tenha sido a causa de não ter se importado muito com o futuro de seus próprios filhos. Sócrates frequentemente diz que suas ideias não são próprias, mas de seus mestres, entre eles Pródico e Anaxágoras de Clazômenas.

No Simpósio, de Platão, Sócrates revela que foi a sacerdotisa Diotima de Mantinea que o iniciou nos conhecimentos e na genealogia do amor. As idéias de Diotima estão na origem do conceito socrático-platônico do amor.

Sócrates sempre dizia que sua sabedoria era limitada à sua própria ignorância (Só sei que nada sei.). Ele acreditava que os atos errados eram consequências da própria ignorância. Nunca proclamou ser sábio. A intenção de Sócrates era levar as pessoas a se sentirem ignorantes de tanto perguntar, problematização sobre conceitos que as pessoas tinham dogmas, verdades. De tanto questionar, principalmente os sábios, começou a arrebanhar inimigos.

Sócrates acreditava que o melhor modo para as pessoas viverem era se concentrando no próprio desenvolvimento ao invés de buscar a riqueza material. Convidava outros a se concentrarem na amizade e em um sentido de comunidade, pois acreditava que esse era o melhor modo de se crescer como uma população. Suas ações são provas disso: ao fim de sua vida, aceitou sua sentença de morte quando todos acreditavam que fugiria de Atenas, pois acreditava que não podia fugir de sua comunidade. Acreditava que os seres humanos possuíam certas virtudes,

tanto filosóficas quanto intelectuais. Dizia que a virtude era a mais importante de todas as coisas.

Diz-se que Sócrates acreditava que as idéias pertenciam a um mundo que somente os sábios conseguiam entender, fazendo com que o filósofo se tornasse o perfeito governante para um Estado. Se opunha à democracia aristocrática que era praticada em Atenas durante sua época, essa mesma ideia surge nas Leis de Platão, seu discípulo. Sócrates acreditava que ao se relacionar com os membros de um parlamento a própria pessoa estaria-se fazendo de hipócrita.

Sócrates provocou uma ruptura sem precedentes na história da Filosofia grega, por isso ela passou a considerar os filósofos entre pré-socráticos e pós-socráticos. Os sofistas, grupo de filósofos (título negado por Platão) originários de várias cidades, viajavam pelas pólis, onde discursavam em público e ensinavam suas artes, como a retórica, em troca de pagamento. Sócrates se assemelhava exteriormente a eles, exceto no pensamento. Platão afirma que Sócrates não recebia pagamento por suas aulas. Sua pobreza era prova de que não era um sofista. Para os sofistas tudo deveria ser avaliado segundo os interesses do homem e da forma como este vê a

realidade social (subjetividade), segundo a máxima de Protágoras : "O homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são, enquanto são, das coisas que não são, enquanto não são.". Isso significa que, segundo essa corrente de pensamento, as regras morais, as posições políticas e os relacionamentos sociais deveriam ser guiados conforme a conveniência individual. Para este fim qualquer pessoa poderia se valer de um discurso convincente, mesmo que falso ou sem conteúdo. Os sofistas usavam, de fato, complicados jogos de palavras, no discurso para demonstrar a verdade^[31] daquilo que se pretendia alcançar, este tipo de argumento ganhou o nome de sofisma. Em resumo, a sofística destruía os fundamentos de todo conhecimento, já que tudo seria relativo (relativismo) e os valores seriam subjetivos, assim como impedia o estabelecimento de um conjunto de normas de comportamento que garantissem os mesmos direitos para todos os cidadãos da pólis. Tanto quanto os sofistas, Sócrates abandonou a preocupação em explicar e se concentrou no problema do homem. No entanto, contrariamente aos sofistas, Sócrates travou uma polêmica profunda com estes, pois procurava um fundamento último para as interrogações humanas (O que é o bem? O que é a virtude? O que é a justiça?), enquanto os sofistas situavam

as suas reflexões a partir dos dados empíricos, o sensorio imediato, sem se preocupar com a investigação de uma essência da virtude, da justiça do bem etc., a partir da qual a própria realidade empírica pudesse ser avaliada.

CONCLUSÃO

- 1) Os Ensaaios, de Michel de Montaigne, representam um repositório de informações e reflexões visando, direta ou indiretamente, à ciência (ou arte) de viver bem.
- 2) Viver bem é agir com bom senso e generosidade.
- 3) É importante desenvolverem-se as duas asas que levam o ser humano rumo à Perfeição: a Fraternidade e a Instrução, ambas imprescindíveis para os vôos de grande percurso.

4) Grande parte das suas lições são eternas, porque calcadas sobretudo em Jesus Cristo e Sócrates, dois valores que o Tempo nunca vai superar ou envelhecer.

5) Ler e refletir sobre Montaigne é interessar-se pelo próprio aprimoramento e preparar-se para dar grande contribuição à sociedade.